



**O coronavírus (Covid-19) não circula sozinho, são as pessoas que o fazem circular:
não suba...**

Júlio César Schweickardt
Pesquisador do Laboratório História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia
(LAHPSA)
Instituto Leônidas & Maria Deane - Fiocruz Amazônia

A frase acima, que circulou nas redes sociais, está escrita numa placa na entrada de uma comunidade ribeirinha em um município do Estado do Amazonas, mas poderia estar em qualquer área ribeirinha da Amazônia. A ideia de ficar em casa para a população ribeirinha passa pela compreensão de que a casa não é uma unidade familiar isolada em quatro paredes, mas se refere a um conjunto de famílias que estão vinculadas pelo parentesco ou por relações de compadrio e de trabalho. A primeira reação das comunidades ribeirinhas foi fechar as suas entradas que, normalmente, são pelos rios na frente do barranco. Por isso a ordem “não suba” porque as casas normalmente ficam no alto dos barrancos para diminuir os efeitos da enchente sazonal sobre a vida das pessoas. Assim, não subir é não subir a escada que dá acesso à comunidade, fique na canoa e siga viagem, ou melhor, volte para a sua casa ou comunidade.

Já foi o tempo em que as comunidades mais distantes da Amazônia estavam isoladas ou sem comunicação pois a “luz para todos” permitiu ter acesso ao rádio e televisão. As notícias da pandemia chegaram rapidamente para as áreas ribeirinhas, mostrando que a mensagem de “ficar em casa” foi entendida e traduzida para a linguagem ribeirinha: “fique na comunidade” ou “fique na aldeia” para as comunidades indígenas.

Outro aspecto que chama a atenção da mensagem é que está escrito tanto Corona Vírus como Covid-19 (entre parênteses) para informar exatamente do que se tratava. Escrevendo um projeto para o edital do CNPq sobre o Covid-19, a equipe de pesquisa se perguntava se colocava no instrumento de entrevista a palavra Corona vírus ou Covid-19 porque havia uma ideia de que a sigla não era entendida pela maioria das pessoas que vivem nos territórios da Atenção Básica em Saúde do país. A mensagem mostra que as informações são tanto apreendidas como traduzidas e aplicadas para as realidades e linguagens locais. Aqueles ribeirinhos e ribeirinhas estavam dizendo que sabiam muito



bem do que tratava e que a sua decisão de isolamento poderia se enquadrar os parâmetros mundiais da Organização Mundial de Saúde (algo que o governo brasileiro resiste em assumir), mas que poderia muito bem ser aplicada ao universo ribeirinho.

O outro pedaço da frase: “o vírus não circula sozinho, mas as pessoas fazem circular...” se constitui em outra sabedoria popular que traduziu o porquê de ficar em casa. As pessoas carregam no seu corpo o vírus que, ao contato com outro corpo, vai levando a doença, sem um vetor, para todos os lugares. A circulação ali é feita num outro tempo porque depende somente dos barcos com os motores de diferentes potências, sendo que o movimento pode ser lento como da rabeta (motor de 4 a 7 Hp) ou rápido como o motor a jato (motor acima de 100 Hp). Porém, uma coisa é certa: há movimento e circulação. Hoje o principal problema do Estado do Amazonas, é a interiorização do Covid-19 porque o movimento dos barcos continuou, apesar do decreto do governador proibindo o movimento de passageiros. Os comerciantes continuam circulando, as pessoas precisam ir à cidade tirar o seu benefício no banco, precisam vender o seu peixe, a sua farinha, os seus produtos. O vírus chegou nas comunidades ribeirinhas e nas aldeias indígenas, pois o alerta de não subir foi insuficiente: a circulação acontece.

Vemos imagens das pessoas andando nas suas embarcações com máscara, algo que foi incorporado ao cotidiano das pessoas ao descerem o barranco...

Em alguns municípios, as Unidades Básicas de Saúde Fluviais (UBSF) têm dado continuidade ao atendimento das comunidades ribeirinhas tanto para os cuidados e orientações em relação à Covid-19, como para os programas de saúde. As mulheres estão grávidas, os diabéticos e os hipertensos continuam tendo a doença crônica, se transformando, nesse momento, em grupos de risco. As mulheres grávidas estão com medo de ir até o hospital porque lá já era um lugar perigoso, mas agora essa imagem ganhou novas dimensões. Nesse sentido, cuidar das pessoas nos seus lugares é uma das questões mais fundamentais no período da pandemia.

A frase termina: “obrigado pela compreensão: #fique em casa”, escrita exatamente assim. O pedido é para que o visitante que pode não ser morador de comunidade, entenda o momento e aceite a decisão daquelas pessoas em “ficar na comunidade”. Talvez a



estratégia educativa e preventiva para a pandemia no slogan “#fique em casa”, para as aldeias, áreas ribeirinhas e periferias das cidades, poderia ser traduzido como #fique na comunidade”. As redes de sociabilidade e de convivência são muito diferentes do modo de vida das áreas urbanas brasileiras, principalmente da classe média. Bom... continuamos pensando nos modos diversos de enfrentar essa grave crise sanitária que vivemos no mundo.